



EDUCAÇÃO PELA ARTE: COMPLEMENTARIEDADE EXPRESSIVA PARA O SURDO

**Lucas da Silva Roberto
Shirley Vilhalva**

RESUMO

Este artigo discute a união entre a arte-educação e a Libras para auxiliar a educação do surdo. Partimos do pressuposto que nenhuma língua de caráter lógico discursivo, tais como as orais e de sinais, traduzem todos os sentimentos do ser. É necessária uma língua dos sentimentos, sendo esta as artes. Mais ainda, para os surdos, que encontram na escola professores não fluente em Libras, ou intérpretes com pouco conhecimento do conteúdo a ser interpretado, colocando em risco o recebimento da disciplina com sua complexidade. Em suma, todo o conhecimento não se restringe aos surdos ou ouvintes, mas ao ser humano. A arte vem para suprir o que faltava na educação de todos, mais ainda dos surdos. Entre os autores, que subsidiam teoricamente este artigo, destacam-se Duarte Jr. (tratando da educação estética), Oliver Sacks (com uma visão antropológica sobre as deficiências) e Rosalind Krauss (com sua arte contemporânea).

PALAVRAS-CHAVE: 1 Educação de surdos. 2 Arte educação. 3 Libras e as artes Visuais. 4 Educação estética para os surdos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma aliança entre a arte e as demais disciplinas que, embora pareçam distintas entre si, se complementam para auxiliar a educação da pessoa surda. De fato, a arte sempre esteve presente na educação básica com este intuito, se o aporte, a complementariedade comunicativa, para a tarefa transmissora de um dado conhecimento entre

EDUCAÇÃO PELA ARTE:
COMPLEMENTARIEDADE EXPRESSIVA PARA O SURDO

Lucas da Silva Roberto
Shirley Vilhalva



emissores e receptores, onde professores e alunos podem ocupar os polos em posições de revezamento (ora o professor é o emissor, ora o aluno é o emissor – e vice versa). Logo a arte subsidia o aluno para aquisição dos saberes culturais, ao passo que contribui para que ele possa também está apto a transmitir saberes, conhecimentos e experiências através dela. Mas isto tanto para alunos surdos quanto para ouvintes, sem diferenciações.

Em suma, o que é caracterizado no contexto escolar, transpassando para todas as relações sociais, é que as linguagens comunicativas de estruturas lógico-discursivas, tanto as línguas na modalidade oral-auditiva, quanto às viso-espaciais, não traduzem a universalidade de sentimentos e sensações presente em um dado indivíduo, dotado de racionalidade e emoções. Para a racionalidade temos a linguagem lógica discursiva que dá conta de traduzir toda esta postura de saber conhecer. Para as emoções, precisamos de uma linguagem das emoções, que para nós é a própria arte. Ainda, acrescentamos que todos os conhecimentos passam pelo canal dos sentimentos, que são emocionais. A racionalização descreve as sensações captadas pelos sentidos. Logo há necessidade de um meio que traduz diretamente, tanto para recepção e emissão, os sentimentos.

Se para todos os alunos a arte se mostra como essencial para complementariedade de sua formação, principalmente no tocante a expressividade, salientamos que mais ainda para o aluno surdo. Isto não é devido ao impedimento auditivo, porém pela sociedade que está posta. Muitas escolas, dentro de uma visão inclusiva, não disponibilizam, de fato, educadores competentes em Libras, acarretando deficiências nas transmissões de conteúdos, ou seja, não chegando para o surdo na mesma complexidade que chega para o ouvinte. Quando disponibilizam um intérprete, este não possui conhecimentos suficientes na disciplina que o permita compreender o mínimo do sentido do conteúdo para transmiti-lo.

EDUCAÇÃO PELA ARTE:
COMPLEMENTARIEDADE EXPRESSIVA PARA O SURDO

Lucas da Silva Roberto
Shirley Vilhalva



Se para os surdos a língua de sinais substitui, em pares de igualdades, a língua oral de um indivíduo ouvinte, logo não haveria problema algum que afetaria a integridade da vida surda, pois seria uma vida “ouvinte sem oralidades”. Mas o que colocamos em destaque é que todos os conhecimentos presentes em nossa sociedade (a única que temos) estão majoritariamente preparados por/para a classe de pessoas ouvintes. O intercambio cultural se faz necessário, pois muitos conhecimentos não dizem respeito à vida de quem escuta, mas à vida de quem é humano. A exemplo, poderemos destacar, os conhecimentos presentes na história mundial e local, na matemática, na filosofia, na psicologia, na pedagogia, nas engenharias, no senso comum, nas áreas biomédicas, nas áreas jurídicas, nas artes em geral, incluindo aí, a própria música.

Neste trabalho estaremos discorrendo a respeito deste assunto, propondo mais que uma unificação disciplinar em caráter interdisciplinar¹, mas uma junção que favoreça o desenvolvimento sociocultural e intercultural, entre surdos e ouvintes, tornando as disciplinas junto com a arte uma área única do saber – disciplinas afins por meio da arte.

Para isto estaremos descrevendo, através de revisões bibliográficas, de assuntos pertinentes as artes plásticas em geral, educação estética, Libras, bilinguismo português/Libras, legislações pertinentes aos deficientes auditivos, sucintamente um breve histórico que mostre as distinções entre surdez na perspectiva clínica e a cultural. Logo após proporemos uma reflexão sobre a importância da Libras para o Surdo, finalizando o trabalho com um capítulo que mostre como a junção da Libras e a linguagem artística pode ser eficiente na

¹ Trazemos o conceito de Duarte Jr., expresso na introdução do livro “Sentido dos sentidos”, para interdisciplinaridade, onde ele expressa ser o cruzamento das diversas áreas sobre um determinado objeto mostrando seus pontos de vistas distintos, os vários ângulos do dado objeto. Em contraposição a este conceito, ele apresenta a transdisciplinariedade. Esta seria a formação de blocos de conhecimento, onde as diversas áreas resultariam em diversas maneiras de aproximação de uma realidade, ou seja, as diversas partes de um todo (Duarte Jr., 2006).

construção sociocultural de um indivíduo integrante de uma civilização cosmopolita.

1 A SURDEZ: DA CLÍNICA À CULTURA

A surdez pode ser caracterizada resumidamente como impedimento auditivo que um determinado indivíduo possui (Redondo, 2000), se vista pela perspectiva clínica. Este impedimento possui níveis que variam do mais leve aos mais profundos, quando o indivíduo não possui vestígio algum da captação de áudio. As mensurações usadas para quantificar as perdas auditivas, nos limiares tonais, ou zonas da fala, variam de acordo com os estudos usados. A exemplo, temos o texto de Redondo, onde ela apresenta o trabalho de Roeser & Downs, Martinez², como podemos ver abaixo:

Limiares tonais*	
Audição normal	0 a 15 dB
Deficiência auditiva suave	16 a 25 dB
Deficiência auditiva leve	26 a 40 dB
Deficiência auditiva moderada	41 a 55 dB
Deficiência auditiva moderadamente severa	56 a 70 dB
Deficiência auditiva severa	71 a 90 dB
Deficiência auditiva profunda	acima de 91 dB

* Média dos limiares tonais em 500, 1.000 e 2.000 Hz.

² Roeser & Downs, Martinez apud Redondo 2000.



Ao passo que temos o texto autobiográfico da professora surda, mestre em linguística, Shirley Vilhalva (Vilhalva, 2004)³, que dispõe de um outro parâmetro, a saber:

Deficiência Auditiva Leve: Perdas entre 20 e 40 dB

Deficiência Auditiva Moderada: Perdas entre 40 e 60 dB

Deficiência Auditiva Severa: Perdas entre 60 e 80 dB

Deficiência Auditiva Profunda: Perdas acima de 80 dB

Para além das diversas conceituações sobre as mensurações que quantificam as perdas auditivas, temos, pelo decreto 5296, de 2 de dezembro de 2004, que a “perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, comprovada por audiograma nas frequências de 500 hertz, e 2.000 hertz” faz com que o indivíduo seja considerado deficiente auditivo.

Para Lima (2006), existem dois grandes blocos caracterizantes da perda auditiva sendo eles a dos parcialmente surdos e a dos surdos. O primeiro compreende as pessoas com: surdez leve, perda auditiva de até 40 decibéis⁴ (dB⁵), onde o indivíduo consegue ouvir e discriminar as palavras orais, porém uma voz fraca faz com que não a compreenda, podendo ter adjetivos de desatento; pessoa com surdez moderada, cuja perda varia de 41 à 70 dB, onde o indivíduo consegue perceber as palavras orais, desde que expressas intensivamente, e que não esteja vinculada a ambientes repletos de ruídos sonoros.

O segundo grande bloco que ela nos mostra, dos surdos, é subdivididos em dois subgrupos, a saber: pessoas com surdez severa, caracterizado pela perda auditiva de 70 à 90 dB, onde o indivíduo poderá ter

³ Disponível em <http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Despertar-do-Silencio.pdf>

⁴ A autora não explica se há um limite para audição normal, ou qual é o limite inicial para a classificação da perda auditiva leve.

⁵ Estaremos usando a sigla dB para referenciar ao decibéis.



retardo na aquisição da linguagem oral, podendo ser adquirida de forma sistemática, dependendo muito de sua habilidade visual e acompanhamentos profissionais que possa ter; pessoas com surdez profunda, com perdas superiores a 90 dB, onde elas são privadas de identificar a voz humanas, sendo incapazes de adquirirem a linguagem oral, por vias naturais (Lima, 2006).

Estas informações nos subsidiam com o quantificável clínico mundo da surdez. Entretanto, visto que a perda auditiva é um fato que ocorre com o ser humano, percebemos que é um fenômeno humano, presente na humanidade. Logo, para que a humanidade seja completa, é necessário presença da surdez ou da perda auditiva. E que isto significa? Conforme o decreto supracitado, 5296 de 2 de dezembro de 2004, com as definições de deficiente auditivo⁶ expresso, percebemos que esta nomenclatura nem sempre foi/é bem vista. “Rejeitam o termo ‘deficiente’, que embute um conceito de déficit, e defendem uma atitude na qual seja dado valor ao indivíduo, e não à deficiência da qual ele é portador (Redondo, 2000, p.14).

De fato não há uma deficiência, porém uma ausência. É comum termos muitas ausências. Ausências de coragem para nadar em um lago, voar de avião, de locomoção quando estamos mais velhos, ausências de um membro do corpo, ausência de um familiar, ausência de uma visão, e, as vezes, de uma audição. Mas estas ausências estão presentes na vida humana, sendo parte do homem. É certo que certas ausências limitam nosso estar no mundo. Um cego não pode guiar um avião, da mesma forma que uma pessoa vidente que tenha pânico de voo. Porém tanto este hipotético cego, quanto o

⁶ Embora o Decreto 5296 de 2 de dezembro de 2004 traga esta definição, cerca de um ano mais tarde foi lançado o decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005, cujo texto, em seu artigo segundo, nos presenteou com a definição cultural da surdez, como se pode ver: “considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras”.



hipotético vidente com pânico, possuem potencialidades. E para que todos possam ser contemplados dentro de suas cidadanias e dignidades humanas, tendo respeito próprio, dos outros e pelos outros, é necessário que avaliemos as potencialidades de cada um. Assim como ocorre com estes dois sujeitos hipotéticos, ocorrem conosco.

Entendemos, logo, o que nos diz Redondo repetitivamente, em vários momentos de seu texto, chamando-nos a atenção para o potencial dos surdos, como podemos ver nas seguintes afirmações: “Alguns pais enfatizam a deficiência auditiva, esquecendo que a criança tem um potencial a desenvolver” (Redondo, 2000, p.27).

As reivindicações atuais das pessoas portadoras⁷ de deficiência auditiva têm caráter de urgência, voltando-se para a valorização de suas **potencialidades** e para a garantia de seus direitos de cidadão, considerando que, por lei, todos os cidadãos são iguais entre si. (REDONDO, 2000, p.53, Grifo nosso)

“Mesmo as empresas que se abrem à contratação do trabalhador com surdez questionam suas potencialidades, dando excessivo valor às dificuldades de comunicação (pela fala ou por gestos), sem levar tanto em conta a **valorização de suas capacidades**” (Redondo, p.55, 2000 Grifo nosso). “O que caracteriza o aluno (surdo ou não) é sua capacidade de aprendizagem, e não a deficiência que apresenta. **Existe um sujeito com potencial, no qual se deve investir**” (Redondo, 2000 , p.37, Grifo nosso).

Mas não somente as ausências podem limitar nosso estar no mundo, porém também as presenças. Oliver Sacks, em seu belo livro "Um antropólogo em Marte", no texto (também um capítulo a parte) que leva o

⁷ Vale destacarmos que em 3 de novembro de 2010 foi lançada a portaria 2344, da secretaria de direitos humanos, que mudou a nomenclatura “pessoas portadora de deficiência” para “pessoa com deficiência” (Brasil, 2010). De fato a significação vinculada com a terminologia “portadora” induz que o indivíduo porta a deficiência e a qualquer momento, a seu bel-prazer, pode deixar de porta-la.



mesmo nome do livro, discorre a história de uma célebre autista americana, **Temple Grandin**. O autismo limita o ser, principalmente no tocante as relações sociais. Questionada referente a extinção do autismo, e sobre este tema, **Grandin** expressa uma opinião pessoal que remonta aos posicionamentos que precisamos ter diante de alguns fatos da vida.

Temple terminou uma palestra recente dizendo: “Se pudesse estalar os dedos e deixar de ser autista, não o faria – porque então não seria mais eu. O autismo é parte do que eu sou”. E porque acredita que o autismo também possa ser associado a algo de valor, fica alarmada com a ideia de “erradica-lo”. (SACKS, 2006, p. 290)

Ausências e presenças só existem quando nos colocamos e comparação com o outro, e neste caso, surge uma pergunta: quem é o normal? A resposta vai variar conforme o ponto de referência. Se, majoritariamente, a população mundial fosse composta por surdos, e poucos ouvintes houvesse na existência, poderíamos dizer que os ouvintes eram anormais, e que receberam privilégios do divino para ter um outro sentido (de fato é o que ocorre quando, em nossa sociedade, encontramos com pessoas que dizem ter contato com o sobre natural). Poder-se-ia acontecer que, caso os ouvintes não obtivesse êxito no seu caminhar social, fosse considerado tais como consideram os autistas atualmente – pessoas não sociáveis e deficientes. Olhando do ponto de vista inverso, temos o que está hoje: consideram-se (alguns) o surdo como deficiente.

Se o grau de normalidade varia do ponto de vista, não podendo ter uma objetividade, isto nos leva, mais uma vez, a entender que não há normalidade, tampouco padronizações, e sim pontos de vistas diferentes, e pessoas diferentes. Eis o centro de nossa questão: diferenças.



Fernando Capovilla⁸ contribui para nós com sua noção sobre a cultura surda. Ele traz dois subgrupos que possuem perdas auditivas. Um, cuja perda dar-se antes dos dois anos de idade, período pré-linguístico, e outro cuja perda dar-se após dois anos de idade, período pós-linguístico. O primeiro definem-se por Surdos, cujo pensamento dar-se por sinais, e o segundo, Deficiente Auditivos (D.A), cujo pensamentos dar-se por português.

Segundo o entendimento de Capovilla, as pessoas que pensam em português, porém não mais conseguem usar o canal oral-auditivo, são deficientes, pois pensam em uma língua e desejam se comunicar em uma língua que possui um déficit em seu canal de emissão/recepção, daí, segundo ele, a adequabilidade no uso do termo deficiente auditivo para estes casos. Sobre cultura Surda Lima comenta: “Atualmente, muitos surdos e pesquisadores consideram que o termo “surdo” refere-se ao indivíduo que percebe o mundo por meio de experiências visuais e opta por utilizar a língua de sinais, valorizando a cultura e a comunidade surda” (Lima, 2006, p.20)

Para além da discussão sobre os D.A., se esta nomenclatura carrega ética, discussão esta que foge o objetivo deste artigo, entendemos que a cultura Surda emerge para conquistar seu espaço como pessoas dotadas de diferenças culturais e linguísticas. Neste ponto, precisamos aceitar que dentro de uma nação é comum a presença do convívio multicultural e linguísticos, como nos mostra Quadros, ao conceituar "Falantes Únicos", tirados de uma reflexão sobre habitantes da Índia que, além de conviver com múltiplas linguagens, expressam-nas, muitas vezes sem saber que estão falando dialetos distintos, crendo ser apenas variações de uma mesma língua (QUADROS, 2008). Neste caso, o que está sendo posto é que, em meio a um

⁸ Conteúdo expresso na entrevista de F. Capovilla disponível no canal do youtube com interpretação em Libras. Endereço do sítio eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=opJBDCvyx3E>



“Brasil gigante pela própria natureza⁹”, há diversos brasis, que necessitam respeito e considerações iguais.

1.1. CULTURA SURDA: A LINGUA DE SINAIS E A EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Não discorreremos muito sobre a história da presença da língua de sinais na sociedade, tampouco a história do próprio surdo, pois fugirá nossos objetivos, entretanto apontaremos alguns elementos que, de fato, interferiram na trajetória histórica de surdos, em níveis internacionais, assim como nacional, entendendo a importância da língua de sinais na vida abrangente da pessoa surda.

Durante tempos os surdos foram comparados aos povos débeis, pois a sociedade não conseguia admitir a vinculação da fala por outra modalidade, senão pela oral-auditiva (Sacks, 2010). A partir das explicações feitas por Oliver Sacks em seu livro “Vendo Vozes” podemos destacar múltiplos equívocos que estigmatizaram o surdo, numa perspectiva mundial.

O primeiro grande equívoco foi a não consideração da língua de sinais como língua, e sim como gesticulações aleatórias. O segundo foram as sanções sociais impostas as pessoas surdas, cuja comunicação dava-se por meios distintos ao oral-auditivo, onde casamentos, heranças, educação eram simplesmente proibidos aos surdos. O terceiro e grande, e talvez mais trágico, foi a proibição da língua de sinais no meio social por pessoas surdas, principalmente no meio educacional, onde, pareceu-se mais questões arbitrariamente políticas autoritárias, fruto de uma intolerância às minorias (SACKS, 2010).

⁹ Expressão tirada do Hino Nacional Brasileiro.



Oliver Sacks traz uma reflexão, explorando muito as notas de rodapés em seu texto, que a presença do menino Vitor, mais conhecido como o Selvagem Aveyron, na história mundial, modificou as bases intelectuais da época, principalmente referente as considerações Românticas de que o homem é livre por natureza, havendo a necessidade de um regresso a ela (Sacks, 2010). A presença de Vitor mostra que sem o contato social, sem a cultura, sem a linguagem, o homem perde seu principal caráter: a linguagem.

O início do evangelho de S. João é louvado em Duarte Jr., e também nos escritos de Sacks (Duarte Jr., 2005; Sacks, 2010). A compreensão é que sem o verbo/palavra não há pensamentos, logo, comunicação.

Porque pensar significa justamente dinamizar e articular símbolos (palavras); significa relacionar conceitos, que nos são dados pela linguagem. Aquilo para o que não temos palavras, não existe, não podemos pensar. Nomear as coisas é fazê-las existir. E é precisamente neste sentido que encontramos o dizer bíblico: "No princípio foi a palavra" (João 1.1); ou ainda a atitude do primeiro homem (Adão), ao dar nome às coisas do mundo. (Duarte Jr., 2005, p. 43)

O Abade De l'Epée¹⁰ consegue entender que os surdos possuem a linguagem, diferente das usadas pelos ouvintes, crendo ainda ser a mais pura e universal da linguagens, capaz de traduzir tudo o que os surdos necessitam sem ambiguidades: a língua de sinais (Sacks, 2010, p. 26). Porém sua "fé na língua de Sinais não era tão firme", levando-o a incorporar na gramática de sinais, elementos da gramática da língua francesa (Sacks, 2010). Contudo a língua de sinais, logo, seus falantes naturais, começaram a ter grandes destaques e reconhecimentos, em pleno séc. XVIII, fato este que se expandiria

¹⁰ Oliver Sacks nos explica que o Abade foi influenciado por ideias que já se vinculavam em pleno século XVI, onde as compreensões das ideias não estavam, necessariamente, vinculadas com os sons das palavras. Palavra passa ter um valor imagético simbólico, semelhante as imagens feitas por sinais. Vide pagina 26. (Sacks, 2010).



para a América tempos mais tarde, por Thomas Gallaudet e pelo professor surdo francês Laurent Clerc.

Sabemos que a história dos surdos teve uma regressão no seu desenvolvimento, no que tange ao reconhecimento cultural e linguístico, após séc. XIX, mais ainda com a pedagogia do oralismo puro (Sacks, 2010; Redondo, 2000). Porém, acima citamos a gênese de uma luta que perpetuou (e ainda perpetua) para que os direitos da pessoa surda sejam garantidos. Em suma, sobre a língua de sinais e a fala do surdo, podemos concluir que:

Historicamente, a língua de sinais tem sido relegada a um estatuto de mímica. Vimos que a língua de sinais recebeu, tardiamente, o reconhecimento linguístico na década de 1960. Nesse período, curiosamente, podem-se constatar resistências de alguns linguistas a reconhecer a legitimidade dos sinais, pois tradicionalmente a visão de língua tem sido fortemente pautada por uma perspectiva essencialmente oral-auditiva. As sociedade de modo ampliado, concebe fala com o sentido de produção vocal-sonora. A verdade é que o surdo fala em sua língua de sinais. É necessário, entretanto, expandir o conceito que temos de línguas humanas, e também redefinir os conceitos ultrapassados para enxergar outra dimensão na qual conceber a língua - o canal viso-gestual. (Gesser, 2009, p. 55)

Atualmente no Brasil, a língua de sinais reconhecida como a língua oficial do surdo é a Libras, sendo sua língua materna e adquirida naturalmente¹¹. O seu reconhecimento inclui também o da cultura surda, que, cujo decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005, é manifestada pela Libras. Este decreto regulamenta sobre a inclusão da Libras no meio escolar, sobre a formação de professores e instrutores de Libras e o uso e difusão da mesma. A definição presente no paragrafo segundo, sobre o que vem ser o surdo, mostra

¹¹ A língua Brasileira de Sinais, Libras, foi reconhecida pela lei 10.436 de 24 de Abril de 2002. Esta lei foi regulamentada pelo decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005.



como a vinculação linguística se presentifica na perspectiva cultural, pois “[...] considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (Brasil, 2005, 2§).

A este ponto precisaremos nos determos. De fato, após grandes lutas e conquistas, chegamos a este cenário citado no paragrafo anterior. A Libras, a língua oficial, reconhecida como língua brasileira, assim como o português, está estabelecida, logo, a cultura surda, por certo. Como vimos, as legislações, principalmente as leis 10.436 de abril de 2002, o decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005, os decretos 5296 de 2 de dezembro de 2004, juntamente com a política de Educação Inclusiva de 2008, dentre tantos documentos normativos, garantem o respeito e o direito da pessoa com surdez, principalmente na área educativa. Entretanto, se a cultura surda é a minoritária, será que a educação do surdo é contemplada completamente dentro de suas exigências? Reconhecer os direitos dos surdos, juntamente com sua cultura, de fato, não trará mudanças radicalmente profundas se ele não tiver acesso aos bens culturais e materiais da humanidade, independente de sua condição física, social, econômica etc.

A educação inclusiva traz alguns conceitos pertinentes ao acesso e permanência do aluno, e seu desenvolvimento aos níveis escolares mais altos (Brasil, 2008). O atendimento especializado em turno inverso, como forma de complemento e suplemento ao ensino comum, onde o aluno esteja inserido (Brasil, 2008) parece antagonizar a proposta de acesso e permanência, à medida que o atendimento especializado em contra-turnos não são



obrigatórios¹² para alunos ouvintes. Se os demais alunos, exceto os surdos, possuem tempo para estudar, tempo para refletir sobre o que estudaram, em locais outros, tempo para estar com seus familiares, ao lazer, estarão sempre em vantagens, enquanto as pessoas surdas serão levadas a uma “quarentena” educacional, descumprindo o artigo 6º de nossa constituição¹³.

Este episódio, citado no parágrafo anterior, faz lembrar o que nos questiona Oliver Sacks quando critica a postura intolerante da sociedade defensora do oralismo puro, que ao enfatizarem aprendizado da língua oral, esqueciam o processo educacional, tornando os surdos analfabetos funcionais, ou seja, pessoas que falavam a língua oral, porém não davam nenhuma outra funcionalidade para ela, visto que os demais conhecimentos foram esquecidos em prol dos intensivos e desgastantes treinamentos (Sacks, 2010). Hoje, diferentemente, parece que desejam produzir supereducados, pessoas bilíngues fluentes em português e Libras, porém sem experiências na vida comum, no cotidiano.

Mas o que é marcante na educação inclusiva é a obrigatoriedade da presença em todo tempo de um intérprete em sala de aula para auxiliar o surdo, ou, um professor bilíngue nas diversas áreas do conhecimento, e mais ainda, da disciplina Libras (Brasil, 2005, 2008). A educação sistemática, porta de entrada para o acesso aos bens e serviços culturais e sociais, levando em consideração a cultura surda, torna-se de fato facilitadora para o acesso e permanência de todos os indivíduos, considerando as diversidades culturais

¹² Entendemos que não há uma obrigatoriedade do aluno em frequentar as salas de apoio especializado. Porém se esta é uma ferramenta usada por nossa educação brasileira, se o surdo não aproveita-la, ele perderá a oportunidade de ter o suplemento e complemento em sua educação, que, pela configuração atual, dar-se em turno inverso. Este atendimento não se trata de um reforço educacional a maneira que é ofertada ao aluno ouvinte, quando ele está com dificuldades na aprendizagem, porém, é o complemento e suplemento na “educação dos surdos”.

¹³ O artigo 6º de nossa constituição de 1988, expressa : São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.



brasileiras, mesmo que haja pontos a serem revistos. Neste ponto, apresentaremos uma ferramenta que pode, e muito, auxiliar ainda mais a educação do surdo: Educação pela arte.

2. EDUCAÇÃO PELA ARTE: CONHECENDO AS COISAS POR ELAS MESMAS

A arte é um campo do conhecimento que está presente na educação básica, desde a educação infantil ao ensino médio. Para além do conhecimento das produções culturais mundiais, preconizado pelo PCNEM (Brasil, 2006)¹⁴, temos a educação estética como, e talvez, um dos maiores e importantes fundamentos que justifique a presença dela na educação (Duarte Jr, 2005, 2006).

Em suma, a educação estética, presente na educação pela arte, faz o indivíduo voltar para as coisas mesmas, não se limitando ao conhecimento do mundo apenas pela linguagem de caráter lógico discursivo, que, por sua característica, não consegue apreender o vivido, tampouco expressá-lo, em sua totalidade (Duarte Jr, 2006).

Entendemos que a arte possui a estética e que a estética não se limita unicamente em artes. No entanto, por a arte está presente na escola, ela é a única emissária da estética. A estética está voltada ao sentimento das coisas mesmas, sem mediações alguma, inclusive linguística. Observemos a colocação de Duarte Jr. sobre o que venha ser a estética:

¹⁴ PCNEM é a sigla para Parâmetros Curricular Nacional do Ensino Médio.



E assim, algo revoluto, o caminho que viemos trilhando chega agora ao conceito de estesia, definido pelos dicionários como “faculdade de sentir”, como “sensibilidade” e, secundariamente, como “percepção do belo”. Na verdade, tal termo apresenta-se hoje como irmão da palavra estética, tendo ambos origem no grego *aisthesis*, que significa basicamente a capacidade sensível do ser humano para perceber e organizar os estímulos que lhe alcançam o corpo. Mas, enquanto limitamos atualmente a abrangência do conceito “estética”, de modo a compreender tão-só as questões ligadas à experiência da beleza e as discussões acerca da arte, a “estesia” diz mais de nossa sensibilidade geral, de nossa prontidão para apreender os sinais emitidos pelas coisas e por nós mesmos. (Duarte Jr., 2006, p. 136)

A estética ou estesia mostra um caminho que por outros vieses não podem ser alcançado o conhecimento. Embora a arte seja considerada uma linguagem, ela favorece a educação estética, pois “os sentimentos se dão ali com um caráter de 'como se', isto é, como se fossem os mesmos da vida prática” (Duarte Jr., 2006, p. 135). Pela estesia conseguimos captar as informações exteriores, quase sem mediação linguística discursiva. Vejamos o que comenta Duarte Jr no seu livro “Fundamentos da Educação Estética”.

A função primordial da Arte é objetivar o sentimento de modo que possamos contemplá-lo e entendê-lo. É a formulação da chamada 'experiência interior', da 'vida interior', que é impossível atingir pelo pensamento discursivo, dado que suas formas são incomensuráveis com as formas da linguagem e de todos os seus derivativos (por exemplo, a Matemática, a Lógica Simbólica). (Duarte Jr., 2005, p.84)

As linguagens discursivas compreendem tanto as orais quanto as de Sinais, no caso do Brasil, a Libras, dado sua característica lógica em suas proposições, e discursiva em seus conteúdos. Logo, a arte subsidia a

EDUCAÇÃO PELA ARTE:
COMPLEMENTARIEDADE EXPRESSIVA PARA O SURDO

Lucas da Silva Roberto
Shirley Vilhalva



educação tanto de surdos, como de ouvintes. O campo da arte compreende, por normas, o teatro, a dança, as artes visuais e música (Brasil, 2006). Mas a educação estética não busca uma disciplina separada, como já ocorre nas escolas brasileiras. A “[...] concepção que desloca o foco do ensino da arte do produto para o processo; que busca justificar a importância da arte na educação não pela arte em si, mas pelo que ela pode contribuir para a educação integral do ser humano” (Penna et al., 2001 p. 43).

O que estamos falando é de uma arte que esteja presente em todas as disciplinas, não para ensiná-la aos alunos, mas para que as disciplinas, junto com seus professores, aprendam com ela como obter os conhecimentos presentes em nossa existência, em nossa vida, e, através destas metodologias, apresentar aos alunos o conteúdo das disciplinas cursadas. É, em suma, apresentar, ou, ensinar o português, matemática, história, Libras, geografia, filosofia de uma forma artística. E como isto pode acontecer? E quais são os benefícios para o aluno surdo?

A arte contemporânea é o movimento histórico que possui os maiores exemplos. Além de ser uma produção atual, por isso significativa, por está próximo ao cotidiano de nossa sociedade, favorece-nos com grandes ensinamentos estéticos. Artistas¹⁵ do movimento da Land Art, como Richard Long, Robert Smithson e o grande “empacotador de monumentos”, Javacheff Christos, são três, extraídos de tantos, que poderemos analisar .

Richard Long é o artista que caminha longos trajetos, em lugares desertos, deixando suas pegadas como registro de um itinerante, onde a paisagem natural denuncia, com suas linhas da caminhada, que por ali alguém passou (Argan, 2006). Smithson mergulha no paisagismo natural, entretanto, diferente de Long, que parecia desprezioso em suas intervenções, ele é

¹⁵ As obras e escritos dos referidos artistas estão presentes em Argan 2006 e Krauss 1984



mais ativo. Seu Espiral Jet é um grande exemplo (Argan, 2006). Não passa de uma porção de terra construída no formato de um gigante espiral sobre uma porção de água, onde, anteriormente, não havia terra, somente água (Argan, 2006). Por fim temos as *empacotagem* ou empacotamento de Javacheff Christos (Argan, 2006; Krauss, 1984). Tratam-se de obras suntuosas, onde, diferente dos Landartistas, ele intervém na paisagem urbana, embrulhando monumentos, árvores, costas marítimas etc (Argan, 2006, Krauss, 1984).

Em suma, embora entre os dois primeiros artistas exemplificados aqui, e o último, haja distinções de localidades que recebem as intervenções, algo de comum há neles que merece destaque. Todos eles emergem ao ambiente, deixam seus corpos conhecerem, quase sem mediações linguísticas, o vivido: conhecimento estético. Suas obras também nos afetam com algo surpreendente: elas nos fazem perceber aquilo que outrora já não mais percebíamos, por já estarmos familiarizados com o meio. Além de nos ensinarmos como penetrar nos ambientes do dia-dia, e quando fazemos isso sempre aprendemos, mostra o que já não conseguíamos ver, mesmo sendo elementos tão importantes: o chão, como em Long; o lago, como em Smithson e as arquiteturas e elementos da paisagem, como em Christos (Argan, 2006).

Deixar de perceber o nosso entorno é algo tão comum que, por estarmos anestesiados, ou seja, sem estésias, ou melhor, sem sensibilidades, podemos só valorizar quando o perdemos. Vilhalva, em sua poesia de introdução ao livro “Despertar do Silêncio” comenta: “Aprendi que as folhas falam quando o vento sopra.../Aprendi que a água canta quando cai...” (Vilhalva, 2004, p. 6). O surdo que, passa ouvir, se encanta com os sons, mas, para um ouvinte desavisado, que já se acostumou com os sons, só haverá esta apreensão tão bela, se, porventura, perder a audição (no modo mais trágico) ou se alguém educá-lo a perceber a importância de cada elemento da



existência, e isto toda a arte faz, independente da modalidade, se arquitetura, pintura, escultura, dança ou teatro, ou do tempo.

A educação estética, logo, é uma educação pela arte, como estamos trabalhando neste texto. A importância dela perpassa uma cultura, se surdo ou ouvinte, entretanto é primordial para auxiliar e complementar a educação do surdo, tanto para a apreensão do vivido, e de todos os conteúdos que emanam dele. É dar mais subsídio ao professor, de disciplinas distintas ao de Libras, que deseja se comunicar mais diretamente com seu aluno, rompendo todas as barreiras. Mesmo que o professor possua em sua sala a presença de interprete, às vezes, por limitações de conhecimentos, o interprete acaba repassando informações de forma equivocada.

Certa vez, em uma apresentação pública, um professor surdo desejou ensinar o sinal que significa, em português, a palavra “bruto”, ou seja, pessoa estúpida. O interprete interpretou o sinal pela palavra portuguesa “ignorante”, que significa, em suma, pessoa sem conhecimento. O surdo (ele era oralizado e alfabetizado em português, formado em pedagogia) percebeu o equivoco, e logo retificou a interpretação, dizendo que a palavra certa era “bruto”, apresentando a escrita na projeção de um computador. Este equívoco ocorreu, pois é comum os ouvintes usarem tanto a palavra “bruto” como “ignorante” para designar atitudes “estupidas”. Mas a questão é: a arte pode derrubar algumas barreiras linguísticas, mesmo que o professor seja não tão fluente em Libras. Vejamos o que Duarte Jr. comenta sobre esta característica da arte.

Os símbolos artísticos, especialmente após o advento de nossa "era das comunicações", vêm se constituindo em expressões mais ou menos universais do sentimento. Ou seja: através deles as barreiras das línguas diferentes vão se rompendo, permitindo-nos o acesso direto ao sentir de outros povos. Afirmamos que tais Símbolos são "mais ou menos" universais porque, não se pode esquecer,

EDUCAÇÃO PELA ARTE:
COMPLEMENTARIEDADE EXPRESSIVA PARA O SURDO

Lucas da Silva Roberto
Shirley Vilhalva



também eles são forjados a partir de vivências culturais próprias, e nem sempre são acessíveis a outras culturas. (Duarte Jr., 2006, p.110)

Enfim, o que estamos explicando é que através de uma educação de forma artística, o professor obterá mais êxito tanto para transmitir o conteúdo de sua disciplina, pois romperá com grandes barreiras linguísticas, fará com que o seu aluno mergulhe no conhecimento com o corpo, buscando as coisas mesmas, o concreto, para posteriormente realizar as abstrações necessárias, e revalorizará cada elemento da disciplina, de sua vida, e do mundo. Observemos agora como a falta de uma educação pode acarretar em uma ignorância por parte do aluno, ou, em um conhecimento não significativo:

Um caso que tivemos oportunidade de presenciar ilustra claramente o que se está dizendo. À questão "quais são os vermes que você conhece?", formulada numa prova, um garoto respondeu apenas "minhoca". Inquirindo-o se ele não havia estudado e se não sabia o nome de outros vermes, ele respondeu que sim, que sabia, mas que minhoca era o único que ele realmente conhecia. O grande problema da educação que não fala de uma realidade concreta, que não se refere os conceitos transmitidos ao mundo em volta dos educandos, é que ela não produz aprendizagem. (Duarte Jr., 2005, p. 63)

Pode parecer vago, principalmente quando falamos neste tema para alguém que não é da área da arte e não conhece os procedimentos de construção de uma obra. Para sintetizarmos e mostrarmos como é simples, daremos alguns breves exemplos que demonstram esta postura.

Um professor de história pode, para subsidiar sua aula, usar do teatro, unificando com a professora de artes, para assim, mostrar de uma forma lúdica e estética, um conteúdo que, por vezes, torna-se muito abstrato. Uma professora de geografia pode convidar seus alunos para, igualmente ao artista Richard Long (Argan, 2006; Krauss, 1979), caminhar pela natureza (parque



ecológico, manguezal, praia, caatinga) e explicar cada elemento que diz respeito a sua disciplina. Junto, pode levar a professora de biologia, e quem sabe, a de filosofia para realizar sérias indagações sobre a existência, e debaterem sobre as intervenções que são realizadas, ao modo de Smithson. A professora de Português, ou pedagoga, das séries iniciais, juntamente com o professor surdo de Libras (ele poderá está presente em todas as expedições) poderão ir aos centros urbanos para verem elementos do cotidiano e aprenderem palavras e sinais novos, porém emergidos na realidade. Isto é uma educação significativa, onde a teoria estará vinculada ao cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos, por todos os meandros percorridos, que a arte, em níveis gerais, não restringindo a alguma cultura, ou mesmo um espaço tempo distinto, serve para se unir perfeitamente com a Libras, como as demais disciplinas, incluindo o Português, para auxiliar a prática pedagógica docente. Entretanto a arte não apenas auxilia a recepção de um dado conhecimento, porém a transmissão, por parte do aluno, ou seja, a expressão.

Se levarmos a cabo as expressões de um sujeito, educado dentro dos moldes sistemático de nossa educação brasileira, entenderemos que, para expressão possa ter caráter de boa qualidade, estará vinculada diretamente com todas as aprendizagens significativas. O indivíduo expressa o que é e, também, o que sabe. A arte proporciona a apreensão dos diversos conteúdos que serão expressos. Eis o primeiro ponto do subsidio expressivo que a educação estética favorece: dar conteúdos apropriados e de boa qualidade para que o indivíduo possa se expressar.



O segundo ponto está vinculado com a expressão direta, ou seja, não somente com o conteúdo que o ser adquire, mas com a emissão de uma dada mensagem. Da mesma forma que a arte mostra como captar o conhecimento, ela mostra como expressá-lo, quando ela expõe um conhecimento. Exemplos: O mesmo teatro, tela, arquitetura e escultura que mostra para o surdo um conteúdo, é o mesmo que ele, o surdo, pode usar para expor e expressar o que bem quiser. Se o surdo não consegue expressar todas as suas intenções pela Libras, ele pode usar o desenho, teatro, o poema, pois é comum a Libras, assim como as palavras para um ouvinte, não expressar todos os sentimentos.

Enfim, enquanto muitas disciplinas encontram barreiras linguísticas, assim como muitas pessoas, para se colocarem em contato com o outro e sua cultura, a arte é o meio que pode mediar e favorecer um encontro transcultural e linguístico, buscando o conhecimento humano, as relações humanas, sem favoritismos, dado a sua característica lúdica, sensível e expressiva.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 709 p.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988
_____. Decreto n. 5296 de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm >. Acesso em 29 nov. 2015.
- _____. [decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005](#). Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 01 out. 2015.



- _____. [Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002](#). Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm >. Acesso em 01 out. 2015.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília:MEC/SEESP, 2008.
- _____. Parâmetro Curricular Nacional do Ensino Médio, 2006, disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em 02/10/2015
- _____. Portaria No - 2.344, de 3 de Novembro DE 2010, disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=4&data=05/11/2010>> Acesso em 07/10/2015
- CAPOVILLA, Fernando. Entrevista: Capovilla comenta sobre a educação de alunos surdos na perspectiva Inclusiva. Endereço do sítio eletrônico:
<https://www.youtube.com/watch?v=opJBDCvyx3E> disponível no canal do youtube com interpretação em Libras. Acesso em: 02/10/2015
- CARLOS, Roberto. Como é grande o meu amor por você. Letra disponível em:
<<http://letras.mus.br/roberto-carlos/48570/>> Acesso em: 07/10/2015
- DUARTE JR., João-Francisco. Fundamentos estéticos da educação. 8. ed. - Campinas, SP: Papirus, 2005. 150 p. ISBN 8530800044 (broch.)
- _____. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. 4. ed. Curitiba: Criar, 2006. 225 p. ISBN 9788588141100 (broch.)
- GESSER, Audrei. 1971- Libras? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda / Audrei Gesser; [prefácio de Pedro M. Garcez]. – São paulo, Editora Parábola: 2009.
- GROSJEAN, F. (s/d). The right of the deaf child to grow up bilingual :University of Neuchâtel, Switzerland.Imago Editora, 1990.
- KRAUSS, Rosalind. “A escultura no campo ampliado” (Tradução de Elizabeth Carbone Baez). Gávea: Revista semestral do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, Rio de Janeiro: PUC-RJ, n. 1, 1984 (Artigo de 1979).
- LIMA, Daisy Maria Collet de Araujo. Educação infantil : saberes e práticas da inclusão : dificuldades de comunicação e sinalização : surdez. [4. ed.] / elaboração prof^a Daisy Maria Collet de Araujo Lima – Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal... [et. al.]. – Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 89 p. : il
- PENNA, Maura; PEREGRINO, Yara Ramos; CARVALHO, Lívia Marques; NASCIMENTO, Fábio do. João Pessoa: É ESTE O ENSINO DE ARTE QUE QUEREMOS? Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais - 2001 - Editora Universitária/CCHLA/PPGE, 2001. 184p.
- PEREIRA, Maria Cristina da Cunha & Maria Inês da Silva Vieira. Bilinguismo e Educação de Surdos. *Revista Intercâmbio*, volume XIX: 62-67, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x
- QUADROS, R. M de. O “BI” em bilinguismo na educação de surdos: In: FERNANDES, E. (org.) Surdez e bilinguismo. , Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.
- REDONDO, M. C. F.; CARVALHO, J. M. Deficiência auditiva. Brasília (DF): MEC - Secretaria de Educação a Distância, Cadernos da TV Escola 1, 2000. 64 p.

EDUCAÇÃO PELA ARTE:
COMPLEMENTARIEDADE EXPRESSIVA PARA O SURDO

Lucas da Silva Roberto
Shirley Vilhalva



ROESER & DOWNS, MARTINEZ, 2000, APUD, REDONDO, M. C. F.; CARVALHO, J. M. Deficiência auditiva. Brasília (DF): MEC - Secretaria de Educação a Distância, Cadernos da TV Escola 1, 2000. 64 p.

SACKS, Oliver. W. 1933-2015. Vendo Vozes: Uma jornada pelo Mundo dos Surdos/ Oliver Sacks; tradução Laura Teixeira Motta. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010:

_____. Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais /Oliver Sacks; tradução Bernardo Carvalho. - São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

VILHALVA, Shirley. Despertar do Silêncio. Shirley Vilhalva, Petrópolis, RJ. Editora Arara Azul. Disponível em: <<http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Despertar-do-Silencio.pdf>> Acesso em 12/10/2015

IDENTIFICAÇÃO DE AUTORES



LUCAS DA SILVA ROBERTO

Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo, pós-graduado em Educação Inclusiva com Ênfase em Deficiência Auditiva, possui cursos de aperfeiçoamento em Libras e investiga a relação entre a arte e a educação, e as contribuições que esta relação fomenta ao saber pedagógico.

E-mail: lucasdasilvaroberto@gmail.com

SHIRLEY VILHALVA

Professora com Mestrado em Linguística - UFSC (2009), Pós graduação em Metodologia de Ensino FIFASUL (1993) e graduação em Pedagogia FUCMAT atual UCDB (1990). Surda, atuante na comunidade surda, foi diretora de Escola Estadual de Surdos - CEADA, atuou 25 anos como voluntária na FENEIS e foi Conselheira Titular e Suplente do CONADE. Participou da Equipe do Curso EaD Letras Libras - UFSC como Professora Tutora do Pólo UFSC e Coordenação do Sistema e Acompanhamento do Estudante do Curso Letras Libras Licenciatura e Bacharelado. É Professora Pedagógica no CAS/MS, Professora da Pós Libras UNINTESE e Orientadora de Pós Graduação EaD - UCDB. Colaboradora no Museu das Cultura Dom Bosco. Compartilha na educação de Surdos em Mato Grosso do



EDUCAÇÃO PELA ARTE:
COMPLEMENTARIEDADE EXPRESSIVA PARA O SURDO

Lucas da Silva Roberto
Shirley Vilhalva



CENTRO VIRTUAL DE CULTURA SURDA
REVISTA VIRTUAL DE CULTURA SURDA
Edição Nº 19 / Setembro de 2016 – ISSN 1982-6842
http://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes

Sul há 32 anos, surdos urbanos, hoje com índios surdos (Projeto Índio Surdo - fase: identificação da existência do Índio Surdo nas Escolas Indígenas em MS), com proposta de investigação e melhorias de educação aos ciganos surdos. Atualmente está investindo em Encontros de Familiares Bilíngues e Amigos de Surdos e representando as Mulheres Surdas Indígenas e não indígenas.

E-mail: shivi323@hotmail.com

EDUCAÇÃO PELA ARTE:
COMPLEMENTARIEDADE EXPRESSIVA PARA O SURDO

Lucas da Silva Roberto
Shirley Vilhalva